



Interações: Cultura e Comunidade

ISSN: 1809-8479

interacoes.pucminas@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais

Brasil

LOPES DE CAMARGOS, MOACIR

EUCARISTIA, ENCONTRO(S) COMO(S) OUTRO(S): CRISTO, OS IRMÃOS NA
FÉ, TODOS OS SERES HUMANOS

Interações: Cultura e Comunidade, vol. 10, núm. 18, julho-diciembre, 2015, pp. 83-92

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313043585007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EUCARISTIA, ENCONTRO(S) COM O(S) OUTRO(S): CRISTO, OS IRMÃOS NA FÉ, TODOS OS SERES HUMANOS

EUCHARIST, MEETING(S) WITH THE OTHER(S):

CHRIST, THE FELLOW BELIEVERS, ALL HUMAN BEINGS

MOACIR LOPES DE CAMARGOS ^(*)

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a questão da alteridade tendo como principal apoio teórico o texto *Para uma filosofia do ato responsável* do pensador russo Bakhtin (2010). A reflexão que este texto traz, ainda que realizada de uma forma breve, busca mostrar o que podemos compreender sobre tal questão a partir de um viés religioso. Para isso, busco referenciais bíblicos para discutir como o outro/diferente nos constitui, mais especificamente, de que maneira compreendê-lo a partir do ritual da eucaristia presente na missa católica. Enfim, o que podemos aprender do diálogo proposto é que devemos não simplesmente tolerar o outro/diferente, mas respeitá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Diálogo. Respeito.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss the issue of otherness having as main theoretical support the text "Para uma filosofia do ato responsável" of the Russian thinker Bakhtin (2010). The reflection that this text brings, even if carried out briefly, seeks to show what we can understand about this issue from a religious slant. For that, I'm looking for Biblical references to discuss how the other/different forms us, more specifically, how to understand him from the ritual of the Eucharist present in the Catholic mass. Anyway, what can we learn from the proposed dialogue is that we should not simply tolerate the other/different, but respect him.

KEYWORDS: Otherness. Dialogue. Respect.

RESUMÉ

Le but de cet article est de discuter de la question de l'altérité avec, comme soutien théorique principal, le texte : pour une philosophie de l'acte responsable, du penseur russe Bakhtine (2010). La réflexion que ce texte apporte, même si effectuée brièvement, est de montrer ce que nous pouvons comprendre au sujet de cette question à partir d'un point de vue religieux. Pour cela, je cherche les références bibliques pour discuter de la façon dont l'autre/le différent nous définit, mais plus spécifiquement sur la manière de le comprendre à partir du rituel de l'Eucharistie présent dans la messe catholique. Quoi qu'il en soit, ce que nous pouvons apprendre du dialogue proposé est que nous devons non simplement tolérer l'autre/le différent, mais le respecter.

MOTS-CLÉS : Altérité. Dialogue. Respect.

^(*)Doutor em Linguística (UNICAMP). Professor de língua espanhola e francesa e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Todos nós já ouvimos as discussões sobre globalização ou mundialização, como preferem alguns escritores/ensaístas. Neste cenário mundial de intensa conectividade, proporcionada pelas mais diversas inovações tecnológicas, as coisas mudam/acontecem a uma velocidade inacreditável. Mesmo que milhares de pessoas vivam isoladas em suas aldeias/tribos, sem relações diretas com ferramentas como computadores, decisões são tomadas a favor/contra elas, em outros lugares do planeta, muito distantes de onde elas vivem.

E, no contexto acadêmico, com a facilidade de acesso aos computadores, tem-se discutido amplamente questões como diferença das minorias, identidade, educação, dentre outros temas, o que tem gerado uma plêiade de artigos, resenhas, dissertações, teses, etc. Desses temas, interessam-me as discussões sobre identidade e diferença, pois a partir delas podemos tocar o ponto fulcral de uma questão que tem sido de extrema relevância no mundo da velocidade tecnológica, o que pode gerar a seguinte pergunta: como lidar com o outro?

Apesar de esta pergunta não ser nova - pois as guerras no mundo (desde os gregos, para citar um exemplo) eram geradas pela questão da alteridade: quem eram os invasores, os bárbaros, os infratores que invadiam o espaço do outro? - podemos pensar esta questão nos momentos atuais e, como nos mostra o linguista Geraldi, nada nos surpreende quando se trata do outro, pois

o olhar dirigido para outros lados deve ser móvel, rápido, fragmentário. Quase turista. A mobilidade pelos espaços de outras culturas não dispõe de tempo para qualquer hibridização enriquecedora da experiência humana: o tempo é apenas do consumo, cada lugar e sua história são mercadorias a serem olhadas, por suas superfícies salientes. O tempo de um flash da máquina fotográfica: registro a ser guardado e rapidamente esquecido por que outra mercadoria já se oferece. (GERALDI, 2010, p. 149)

Assim, passamos diante de um mendigo, crianças de rua ou um bêbado caído em uma calçada e viramos o olhar, ou mesmo podemos demonstrar nojo, asco, indiferença. Ou mesmo em nossas salas de aula desprezamos os alunos originários das periferias, ou simplesmente aqueles com outras linguagens; preferimos sempre aqueles que se sobressaem com as melhores notas que poderão contribuir para aumentar os pontos do nosso currículo Lattes¹. Prevalece, na maioria das vezes, o interesse individual ao invés de um

¹ Geraldi (2010) complementa essa questão discutindo sobre a máscara de produtividade que atinge o meio acadêmico.

pensamento/trabalho coletivo, sobretudo quando o tema é educação. Nas palavras do pesquisador italiano Augusto Ponzio sobre as relações entre identidade e trabalho:

[...] parece fácil quantificar o trabalho material, isto é, estabelecer quantas horas se trabalhou e pagar com base nesse cálculo. Mas o trabalho imaterial, o trabalho criativo, o trabalho inventivo, como pode ser quantificado? Quando nós, na universidade, preenchemos um formulário solicitando recursos para a pesquisa, há um campo cujo preenchimento requer “quantas horas de trabalho serão dedicadas para a pesquisa”... quantas horas de trabalho? (PONZIO, 2014, p. 81-82).

Porém, no campo religioso, a questão da alteridade pode ser ainda mais explícita. Como relata o escritor uruguaio Eduardo Galeano, dentre os diversos motivos para provar que os índios eram inferiores, os “conquistadores” brancos europeus questionavam o seguinte: *¿Adoran a la naturaleza, a la que tienen por madre, y creen que ella es sagrada? Porque son incapaces de religión y sólo pueden profesar la idolatría.* (GALEANO, 1998, p. 63)². Esta resposta era respalda até pelo Papa que somente em 1537 (40 anos depois de colonização) reconheceu que os índios eram humanos.

Atualmente, são constantes as notícias na mídia de agressões violentas ou mortes – por parte de fundamentalistas ou fanáticos – a pessoas que seguem determinada religião. Quando a questão religiosa vem à tona, o tema se torna bastante delicado³. Até mesmo em grandes universidades muitos colegas, tanto da graduação quanto da pós-graduação, desprezam outros colegas que possuem crenças religiosas diferentes. Nesse contexto, é comum ouvir enunciados do tipo: “ela é evangélica, mas é legal”.

O diferente é, frequentemente, o alvo a ser perseguido ou eliminado, pois pensa/age de outra forma, tem outro ponto de vista, ocupa outro lugar. Apesar das constantes discussões, a questão da diferença ainda é um tema que ocupará grande destaque na sociedade. No Brasil, por exemplo, as agressões a homossexuais no centro da cidade de São Paulo, uma das maiores do mundo, tem suscitado intensas discussões de como respeitar o outro. Também temos no país as polêmicas discussões sobre as cotas para negros nas universidades

² Opto por não traduzir a citação original. Sobre religião e indígenas brasileiros é importante notar que, mesmo após mais de cinco séculos da chegada dos portugueses, ainda há algo muito próximo ao que Galeano aponta sobre religião e índios. Ver: <<https://www.facebook.com/missoesnacionais?fref=photo>>. Acesso em: 30 set. 2015.

³ Em dezembro de 2012, um amigo da cidade brasileira de Uberlândia, MG me relatava o seguinte: seus vizinhos de outra religião diferente da dele, muito religiosos e fiéis, sequer lhe cumprimentavam ao vê-lo na calçada de sua casa, mas quando necessitava de algo lhe dizia: irmão, o senhor poderia me ajudar?

públicas, algo que ainda continua em discussão em muitas universidades brasileiras, apesar de existir a lei.

1 COLOCAR-SE NO LUGAR DO OUTRO

Partindo de uma abordagem da alteridade em um viés religioso, sem a pretensão de realizar uma exegese, meu propósito neste texto é refletir sobre a eucaristia - no sentido dado pela igreja católica a essa palavra. Tomo, primeiramente, as referências da Bíblia católica sobre essa palavra e, por outro lado, apoio-me nas discussões do pensador russo Bakhtin, sobretudo no seu texto *Para uma filosofia do ato responsável*. Interessa-me, deste texto, o conceito de empatia que, para ser compreendido no contexto da eucaristia, não pode ser separado do conceito de alteridade, uma vez que este conceito é um dos pilares centrais que atravessa toda a arquitetura bakhtiniana.

Também não poderei deixar de lado a minha experiência como criança católica que realizou a preparação para o ritual da primeira comunhão⁴, momento ainda muito importante para os praticantes do catolicismo. Para aqueles que foram batizados na igreja católica, é necessário esse ritual, uma vez que ele irá confirmar a participação no sacrifício de Cristo. Ou seja, estando preparadas, as crianças (após realizar o catecismo) podem comungar-se, tomar a hóstia sagrada que representa o corpo de Cristo, seu sacrifício por nós – a eucaristia⁵.

Devemos entender, primeiramente, que há, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica, as explicações sobre o sacramento da eucaristia. Ela foi instituída quando Cristo que, na quinta-feira santa, reuniu os apóstolos na última ceia, conforme podemos ler no Novo Testamento, Corintos 11:23-25:

23. Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou pão;

24. e, havendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é por vós; fazei isto em memória de mim.

25. semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

⁴ Olhando para o passado me pergunto se eu realmente, aos 11 anos de idade, compreendia a questão da eucaristia, seguia uma tradição ou apenas cumpria um ritual.

⁵ Em minha época de infância, muitas crianças sonhavam em ser coroinhas (ajudantes do padre durante a missa), mas pouco eram os escolhidos. Como eu não tinha família conhecida na pequena cidade onde morava, nunca fui escolhido pelo padre para auxiliá-lo nos rituais católicos da missa.

Também podemos encontrar referências sobre a eucaristia nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas:

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados. Mas digo-vos que desde agora não mais beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco o beba novo, no reino de meu Pai. Mateus 26:26-29

Enquanto comiam, Jesus tomou pão e, abençoando-o, o partiu e deu-lho, dizendo: Tomai; isto é o meu corpo. E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho; e todos beberam dele. E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do pacto, que por muitos é derramado. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beber, novo, no reino de Deus. Marcos 14:22-25

E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós. Lucas, 22:19-20

O sacramento da Eucaristia também pode receber diferentes nomes como: Santa Missa, Ceia do Senhor, Fração do pão, Celebração Eucarística, Memorial da paixão, da morte e da ressurreição do Senhor, Santo Sacrifício, Santa e Divina Liturgia, Santos Mistérios, Santíssimo Sacramento do altar, Santa Comunhão.

Para os católicos praticantes, a missa é o momento em que acontece a celebração eucarística que está dividida em liturgia da palavra – proclamar, escutar a palavra de Deus – e a liturgia eucarística que compreende a apresentação do pão e do vinho, a oração ou anáfora, que contém as palavras da consagração, e a comunhão. No sacramento cristão da comunhão o pão representa o corpo de Cristo (na missa a hóstia representa o pão) e o vinho que representa o sangue de Cristo (o padre umedece a hóstia no vinho e também o toma durante a missa) tornaram-se símbolos religiosos. Ou seja, o pão e o vinho que, primeiramente, são produtos de consumo, são recobertos por um caráter ideológico específico quando tomados no contexto católico (Bakhtin, 1986:33).

No entanto, pode haver eucaristias sem padres e sem os demais rituais exigidos durante a celebração de uma missa, mas nem por isso são menos importantes, pois podem ser repletos de “Espírito Santo”. Ou ainda, podemos ver missas que são meros atos protocolares. As missas de corpo presente, quando alguém falece, podem durar mais ou menos um determinado tempo de acordo com a importância da pessoa na sociedade.

Porém, como aparece na Bíblia: *Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome eu estarei presente* (Jesus - Mateus 18:20). Ou seja, ainda que não estejamos em um templo ou igreja, podemos mostrar a comunhão fraterna quando, por exemplo, em um jantar com os amigos ou a família, agradecemos pelo momento, pela comida, pela amizade, enfim pelo encontro com o outro. Mas, não estamos afirmando que o ritual da missa não tenha valor ou que o ato eucarístico pode ser mais importante dentro da missa.

Na prática do rito eucarístico que se efetiva pelo uso da palavra, esta se faz carne (a partir do nascimento de Cristo), ou seja, diálogo com o outro. Assim, com a efetivação da palavra em diálogo, podemos entender que a sua prática deve ser diária, isto é, transformar-se em um exercício de fé constante em nossas vidas, praticado de forma responsável, tendo o outro sempre como o nosso foco, nosso ponto de apoio para o verdadeiro diálogo. Desse modo, fica claro o entendimento da eucaristia como o encontro com o outro, caso contrário, ela seria desencontro, quer dizer, não havendo o respeito ao diferente, o diálogo não se concretiza pelo uso da palavra.

Quando nos aproximamos do outro - isso é necessário pela nossa incompletude fundante - devemos reconhecer que ele nos constitui. E é justamente nesse encontro - que no contexto cristão é representado pela fração do pão, a leitura da palavra, a comunhão fraterna - entre eu e outro(s) que o diálogo se efetiva por meio da palavra presente com Cristo na eucaristia, símbolo do sacrifício pelo outro.

2 A EUCARISTIA COMO EMPATIA ATIVA

A eucaristia simboliza o exercício supremo de uma abnegação ativa de Cristo quando ele se coloca no lugar do outro, isto é, ele realiza uma empatia ativa. Conforme nos explica o pensador russo Bakhtin:

na abnegação eu sou maximamente ativo e realizo completamente a singularidade do meu lugar no existir. O mundo no qual eu, do meu lugar, no qual sou insubstituível, renuncio de maneira responsável a mim mesmo não se torna um mundo no qual eu não estou, um mundo indiferente, no que diz respeito ao seu sentido, à minha existência: a abnegação é uma realização que abraça o existir-evento. Um grande símbolo de ativa abnegação, Cristo que nos deixou, sofrendo na eucaristia, na doação de seu corpo e do seu sangue, uma morte permanente, permanece vivo e ativo no mundo dos eventos, mesmo quando deixou o mundo; é próprio de sua não-existência no mundo que nós vivamos reforçados em comunhão com ele. O mundo que Cristo deixou não poderá mais ser o mesmo, como se ele nunca tivesse existido: é fundamentalmente, um outro mundo. (BAKHTIN, 2010, p. 63-64)

Cristo fez esse exercício supremo de colocar-se no lugar do outro por meio da empatia. Porém, como essa empatia é realizada de forma ativa, após colocar-se no lugar do outro, ele realiza novamente a exotopia, ou seja, volta ao seu próprio lugar, mas nos compreende no lugar onde estamos. Desse modo, ele nos deixa sua maior mensagem e também seu maior (e um dos mais difíceis) exemplo que é amar o próximo, o outro. E, como é mostrado na Bíblia, Cristo soube compreender e ouvir generosamente os mais diferentes outros: prostitutas, mendigos, leprosos, etc. Ao dialogar com os diferentes, Ele nos dá novamente o exemplo de um agir ético responsável, compartilhado com o outro.

Esses exemplos se diferem de uma empatia pura, algo que não é possível, pois eu não posso me perder no outro, sair totalmente do meu lugar e fundir-me com o outro, tornando um único ser, o que levaria à perda de minha singularidade (sem alteridade), de minha consciência e, conseqüentemente, não seria um ato responsável. Essa relação com o outro não implica que não sou singular no mundo, mas o outro⁶ é que determina essa minha singularidade, pois ele é importante para mim. Ainda que eu me olhe no espelho, essa imagem é somente um reflexo de mim; somente o outro, na sua condição exotópica, poderá me ver em minha completude provisória.

As palavras de Morin (2002:30-31) apontam também para uma empatia ativa no que se refere ao amor, pois este nos faz descobrir a verdade do outro: A autenticidade do amor não consiste apenas em projetar nossa verdade sobre e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro. Ou seja, não devemos nos negar dialogar com o outro, tampouco transplantar-se para “dentro” do outro e vê-lo com os seus próprios olhos. Caso isso acontecesse, não seria uma compreensão ativa, não haveria enriquecimento, apenas uma duplicação. Temos que sair do nosso lugar para compreender o outro (exotopia), mas uma empatia ativa não se limita somente a esse primeiro momento, há um exercício de retorno/volta, algo extremamente importante para a compreensão do outro (Bakhtin, 2000).

⁶ No livro *Viagem com Heródoto*, o autor Ryszard Kapuscinsk afirma que a humanidade não começa com a invenção da roda, mas quando o homem percebe o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coisa mais fácil?
 Errar.
 O maior obstáculo?
 O medo.
 O pior defeito?
 O mau humor.
 O presente mais belo?
 O perdão.
 A sensação mais agradável?
 A paz interior.
 A proteção efetiva?
 O sorriso.
 A mais bela de todas as coisas?
 O amor.
 Madre Tereza de Calcutá (1910-1997)

Creio que essa pequena reflexão de Madre Tereza sintetiza a mensagem que Cristo nos deixa ao sacrificar-se (mensagem que é recuperada no ato eucarístico), ou seja, devemos nos colocar no lugar dele para amar o próximo que pode ser a coisa mais bela do mundo e, talvez, a mais difícil. Essa relação com o outro/diferente constitui a mais evidente mensagem cristã no mundo, pois o mundo em que vivemos não é o mesmo após o conhecimento que Cristo nos deixou.

Porém, esse amor não é o amor carnal como pensamos em um primeiro momento. Esse sentimento de amor que nos deixa Cristo, entendido pela perspectiva de uma empatia ativa como nos ensina Bakhtin, é o respeito ao diferente, é o constante diálogo enriquecedor que devemos buscar quando tratamos de entender a diferença. Tampouco se trata de um sentimento de tolerância como muito se tem comentado quando o foco da discussão é a alteridade. Como nos esclarece o escritor português José Saramago: *tolerar a existência do outro, e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.*

Enfim, a mensagem de Cristo na Eucaristia é amar o diferente, respeitá-lo. Embora isso pareça utópico, sabemos que também de utopia vive o ser humano. Construir o diálogo com o diferente é um sonho a alcançar, é um caminho a trilhar, apesar das dificuldades que existem ao longo da jornada. Como afirma o cineasta argentino Fernando Birri:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar⁷.

Ou como poetiza o escritor espanhol António Machado:

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar⁸.

Porém, se, ao invés de buscarmos esse diálogo, simplesmente excluirmos o diferente em nome de uma elite, de um culto, etc não haverá possibilidades de pensarmos e almejarmos a construção de um mundo melhor, com sujeitos que possam ter a liberdade de expressar suas vozes. Para isso, devemos amar o outro (ainda que ele esteja invisível) sem rótulos depreciativos, devemos também procurar entendê-lo como irmão na fé, como ser humano!

Mas, se tudo na Bíblia não passa de mera ficção, o que resta de todas essas questões sem respostas? Ainda que todas as escrituras bíblicas sejam apenas ficção, podemos (nós ocidentais) tomá-las como referências para pensar, por exemplo, a questão da alteridade, uma vez que enquanto livro ficcional de milhares de anos, a Bíblia pode nos oferecer categorias para pensar nossas realidades. Um dos mais conhecidos escritores brasileiros – Machado de Assis – toma a história de Esaú e Jacó presente no livro do Gênesis, parte da Bíblia, para escrever um romance homônimo que retrata a rivalidade entre dois irmãos gêmeos.

⁷ Disponível em: < <http://pensador.uol.com.br/frase/MTAoMjE1Nw/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

⁸ Disponível em: < <http://babelnet.sbg.ac.at/carlitos/escenario5/poetas/machado/mach-caminante.htm>>. Acesso em: 30 set. 2015.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. (Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. **Estética da criação verbal**. (tradução feita a partir do original francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução de Marina Appenzeller). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira). 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- GALEANO, Galeano. **Patatas arriba: la escuela del mundo al revés**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. Linguagem e máscaras identitárias, exigências para inserção no mundo global. In: Geraldi, J. W. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010, p. 147-166.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Viajes con Heródoto**. Madrid: Anagrama, 2009.
- MIOTELLO, Valdemir. **Discurso da ética e a ética do discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. (Trad. Edgar de Assis Carvalho). 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PONZIO, Augusto. Identidade e mercado de trabalho: dois dispositivos de uma mesma armadilha mortal. In: MIOTELLO, Valdemir; MOURA, Maria Isabel (orgs.). **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2014, p. 49-94.
- <www.bibliaon.com>. Acesso em: 19 out. 2012.

*Recebido em 18/02/2015
Aprovado em 15/04/2015*